

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano IV | Volume 10 | Nº 29 | Boa Vista | 2022

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.6427480>



GÊNERO, EDUCAÇÃO E LITERATURA:

AS QUESTÕES DE GÊNERO EM MY PRINCESS BOY DE CHERYL KILODAVIS

Atos Daniel Pereira da Silva¹

Sara Regina de Oliveira Lima²

Resumo

O presente estudo tem como objetivo discutir sobre as representações de gênero vivenciadas pela personagem principal da obra *My Princess Boy*, de Cheryl Kolodavis (2009). Realizou-se uma pesquisa bibliográfica, tendo como base principal as ideias de Connel (2005); Butler (2003) e Louro (2008). Os resultados alcançados partiram do pressuposto de que a hegemonia social vigente, aqui a masculinidade hegemônica, penetra as instituições sociais, a exemplo da escola e família, na tentativa de restringir manifestações da diversidade de gênero. Assim, constatou-se que como os sujeitos apresentam inúmeras identidades de gênero construídas como resistências, o garoto princesa é uma nuance dessas narrativas, cujas principais estratégias da autora é atribuir a personagem aspectos, tais como: gostar da cor rosa, usar vestidos e ser a princesa nas histórias de contos de fada na tentativa de uma ruptura no que se espera de um corpo masculino. Percebe-se no material analisado a pretensão de refutar estereótipos de gênero com objetos, cores, danças e vestes destinadas para sujeitos do sexo masculino ou feminino, logo, ressaltando a importância dessa obra para avançar nas discussões sobre diversidade e identidade de gênero.

Palavras chave: Gênero. Heteronormatividade. Literatura. Teoria Queer.

Abstract

This research seeks to discuss the gender representations experienced by the main character of the work *My Princess Boy*, by Cheryl Kolodavis (2009). A bibliographic research was carried out, having as main base the ideas approached in the following authors: Connel (2005); Butler (2003) and Louro (2008). The results achieved started from the assumption that the current social norm, heteronormativity, penetrates the social environment, like school and family, in an attempt to restrict gender diversity manifestations. Thus, it was found that the research could emphasize that as the subjects present numerous gender identities constructed as resistances, the princess boy is a resistance narrative nuance whose author's main strategies is to attribute the character aspects such as: liking the pink color, wear dresses and be the princess in fairy tale stories. The intention to refute gender stereotypes is perceived in the analyzed material, but some trivialities reinforcement involving sexual identity. Note this work importance for a discussion on diversity and gender identity.

Keywords: Gender. Heteronormativity. Literature. Queer Theory.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Na contemporaneidade, os tradicionais clássicos infantojuvenis não ocupam, de forma única, os espaços na vida das crianças, pois as novas produções têm dado voz e lugar a uma gama de assuntos que por muito tempo vieram a ser negados no contexto social, como por exemplo, a identidade de gênero. Tais temáticas buscam contrariar ideias hegemônicas que usualmente definem de forma normativa do que é ser masculino ou feminino. Nas letras de Lima:

¹ Mestrando em Letras pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). E-mail para contato: atosdaniell1@gmail.com

² Doutoranda e mestre em Literatura pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail para contato: sararegina@prp.uespi.br



[...] as narrativas com temáticas LGBTQIA+ marcam um período de inovação, pois rompem com os padrões de feminilidade, masculinidade, sexualidade e gênero pré-estabelecidos. Estas obras trazem como legado uma nova abordagem para a arte, de modo a contemplar representações de subjetividades que durante muito tempo estiveram emudecidas no cenário literário (LIMA, 2017, p. 19).

Conforme confere a autora, diversas categoriais nodais dos estudos de gênero e sexualidade são incorporados pelas manifestações literárias de modo que trazer tais obras para o centro das discussões de gênero é romper com um apagamento literário que essas narrativas sofrem, dando voz a uma série de assuntos que por muito tempo foram emudecidos com o que se diz respeito a essa temática.

O interesse por esse estudo surgiu mediante a leitura da obra *My Princess boy*, de Cheryl Kilodavis (2009). A narrativa que enfoca a vida da personagem Dyson, um garoto que sempre usa vestidos para desempenhar suas atividades rotineiras como ir à escola, jogar futebol com seu irmão, brincar com os amigos, comprar roupas, etc. À primeira vista é difícil imaginar como um menino assim pode ser feliz em corpo social que potencialmente torna-o abjeto, contudo, sua mãe, a norte-americana autora da obra, dedica-se ao máximo para que as vivências de gênero do garoto princesa sejam menos cruéis ou traumatizantes.

Com intuito de compartilhar com todos a luta para que o filho seja aceito e amado pelo que é, ela transformou sua história em um livro infantil, assim, surge *My Princess Boy*, lançado nos Estados Unidos no final da década de 2000. A obra com linguagem simples, pontual e incisiva, conta com auxílio de uma linguagem não verbal consistida de uma composição imagética harmoniosa para retratar a realidade de Dyson Kilodavis, menino que desde cedo demonstrou uma preferência por roupas e brinquedos tradicionalmente considerados de menina. Desse modo, a autora faz uso de uma perspectiva fictícia para tratar de assuntos reais.

A problemática do trabalho enfoca, dentre as temáticas elucidadas na narrativa, as questões de gênero, que compõem e delineiam todos os aspectos da obra. Para iniciar a discussão sobre gênero, é preciso diferenciar sexo e gênero. Segundo Burtler, seu principal impasse foi com a alegação na qual se origina a distinção sexo/gênero: sexo é natural e gênero é construído, o que a fez reiterar que “nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino” (BUTLER, 2003, p. 26). A autora, assim, elucida que o conceito de gênero foi forjado como oposição ao determinismo biológico presente na ideia de sexo que implica na biologia como um destino. O sujeito, portanto, nasceria homem ou mulher e suas diferentes experiências e lugares na sociedade seriam determinados naturalmente de acordo com o sexo que o sujeito nasceu.

Essa concepção explícita que as condutas tipicamente femininas e masculinas não são naturais, mas determinadas biologicamente. Meninas que demonstram delicadeza ou meninos que soam



agressivos são consequências do modo como as relações de gênero foram estabelecidas na sociedade em que estão inseridos. Dessa forma, há a idealização de que os meninos se inclinam para a cor azul, são bagunceiros e desorganizados, todavia, mais objetivos, racionais e tendem a voltar-se para os esportes. Em contrapartida, as meninas demonstram afeição pela cor rosa, são organizadas, mais sensíveis e apresentam um comportamento disciplinado. Em *My Princess Boy*, será possível fazer uma análise de como tais estereótipos de gênero são retratados na obra, assim, como pergunta norteadora propomos o seguinte questionamento: Por que Dyson, um indivíduo do sexo masculino, ao ter afeição por objetos, roupas, cores, danças, dentre outras coisas, que são socialmente destinadas para sujeitos do sexo feminino, faz com que a sociedade enxergue o mesmo com um olhar feminino?

Durante a realização do estudo, nenhuma produção acadêmica que analisasse *My Princess Boy* foi encontrada, seja em acervo virtual ou físico. Outra dificuldade que se fez pertinente foi a de adquirir a obra aqui explanada, seja em bibliotecas públicas, privadas, livrarias ou arquivos virtuais, diante disso, este estudo tem enquanto significância acadêmica e social, colocar *My Princess Boy* no centro das discussões acadêmicas, mostrando sua relevância para debater as questões de gênero presentes na literatura infantojuvenil, e em como tal literatura é potente para avançar nos estudos de gênero. Assim, o presente trabalho tem como objetivo geral, analisar a obra *My Princess Boy*, na qual é possível observar como Dyson, a personagem principal, vive tanto no contexto social, como familiar, elucidando principalmente as questões de gênero vivenciadas pela personagem.

A pesquisa é de natureza qualitativa exploratória, analisando principalmente as seguintes obras: *My Princess Boy* (KILODAVIS 2009) enquanto objeto de estudo; Problema de gênero (BUTLER 2003); Gênero e Sexualidade: Pedagogias Contemporâneas e Pro-Posições (LOURO 2008); Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista (LOURO 1997); A reinvenção do corpo (BENTO 2014) como referencial teórico. Por fim, os dados levantados foram avaliados, consistindo-se num diálogo entre os resultados obtidos no levantamento e a pesquisa bibliográfica, viabilizando uma reflexão acerca das questões de gênero abordadas na obra *My Princess Boy*.

ANÁLISE DA OBRA

A narrativa *My Princess Boy*, de Chery IKilodavis (2009), consiste na história de Dyson, um típico garoto de cinco anos que passa a maior parte de seu tempo usando vestidos, e sendo a princesa nas brincadeiras dos contos de fadas. A princípio já é perceptível uma ruptura do que é socialmente definido e idealizado para menino e para menina, pois não se espera que um sujeito do sexo masculino tenha interesse por vestes socialmente destinadas para sujeitos do sexo feminino.



Ao apresentar a personagem, a autora retrata a identificação da mesma com o que é considerado feminino: “meu garoto princesa tem quatro anos, ele gosta de coisas bonitas. Rosa é sua cor favorita. Ele brinca com vestidos femininos. Ele dança como uma linda bailarina” (KILODAVIS, 2009, p. 2). Ao declarar, por exemplo, que um menino se afeiçoa à cor rosa, gosta de usar vestido e dança como uma linda bailarina, Kilodavis permite perceber o discurso de que a personagem está tem uma vivência de gênero distinta do que se espera de um corpo do sexo masculino. A este fato, Louro (2008) afirma que:

Ainda que teóricas e intelectuais disputem quanto aos modos de compreender e atribuir sentido a esses processos, elas e eles costumam concordar que não é o momento do nascimento e da nomeação de um corpo como macho ou como fêmea que faz deste um sujeito masculino ou feminino. A construção do gênero e da sexualidade dá-se ao longo de toda a vida, continuamente, infindavelmente (LOURO, 2008, p. 18).

Como aqui já elucidado, usualmente a sociedade costuma atrelar o sexo ao gênero. No momento em que Dyson demonstra interesse por objetos, danças, cores que socialmente são destinadas e atribuídas ao sexo feminino, à autora rompe com o que é para menino e o que é para menina. Porém como será possível observar a seguir, a partir do momento em que um sujeito destona de tal maneira da hegemonia, o peso do olhar denegado sobre esse corpo, o torna cada vez mais abjeto em meio a sociedade.

Ao mesmo tempo em que são explicitados alguns aspectos tidos como femininos na vivência de Dyson, a autora faz um contraste do garoto princesa com seu irmão mais velho, quando afirma: “meu garoto princesa tem um irmão legal. O irmão dele joga beisebol e futebol” (KILODAVIS, 2009, p. 3). À vista disso, sabe-se que jogar baseball e futebol são ações socialmente esperadas a um garoto, em decorrência, é possível perceber que na narrativa existe uma representação da masculinidade hegemônica, já que certas expectativas hegemônicas direcionadas à personagem não são observadas na família de Dyson,

Nos estudos de gênero, a masculinidade hegemônica faz parte da teoria da ordem de gênero teorizado por Raewyn Connell (2005), compreendida como um modelo cultural ideal, inalcançável pelos homens, exercendo sobre todos eles (assim como sobre as mulheres) um efeito controlador, constituído por assimetrias e hierarquias que resultam em uma constante vigilância e disputa na aquisição, manutenção e definição de um modelo específico, ou seja, a forma mais honrada de ser um homem. Nesse contexto, o fato de o irmão de Dyson apresentar identificação por determinados esportes, que é algo esperado a um sujeito do sexo masculino, a autora elucida a diferença, já que o garoto princesa prefere o balé, atividade majoritariamente destinada a sujeitos do sexo feminino.

A masculinidade hegemônica desqualifica os comportamentos masculinos que não se adaptam a seus preceitos. Nesse processo da formação da masculinidade, tal matriz é nutrida e mantida por um



generoso segmento da população masculina em função da gratificação fantasiosa de fazer parte do poder que ela proporciona, logo, um menino que demonstra atração por coisas socialmente ditas como femininas, sofrerá represálias sociais embasadas em tal hegemonia. Ao salientar tal diferença entre Dyson e seu irmão, a autora atenta o leitor aos estereótipos de gênero atrelados a masculinidade hegemônica, na qual objetos, esportes, cores e danças são destinados para meninos e meninas.

Atentar a narrativa que desnuda uma personagem dissidente como é o caso de Dyson, envolve a compreensão do conceito de gênero enquanto aspecto significativo para a análise das relações sociais, visto que isso possibilita o entendimento de como é feita a atribuição de papéis e características masculinas e femininas em processos de socialização, e como essas atribuições constroem classificações na dinâmica social. Portanto, as questões de gênero estão presentes em todo o processo de socialização dos seres e as características de gênero, discursivamente atribuídas a eles, servindo de orientações para definir quais os papéis devem e podem assumir nas relações sociais.

Outro ponto a ser ressaltado na obra é a questão da aceitação familiar. Dyson tem o completo apoio da família em se mostrar ao mundo como ele é. Contudo, esse fato é contrastante se considerarmos que quando uma mulher grávida se vê na necessidade de ir ao hospital saber o sexo da criança e de pronto idealizar como será o quarto do bebê: caso menino ornamentará da cor azul, caso menina, a decoração se dará na cor rosa. Posterior a isso, já na escola, o menino será matriculado no futebol; a menina no balé, e dessa maneira segue muitas outras formas de rotular a criança, de acordo com as expectativas geradas em decorrência de um discurso arraigado.

A autora explicita uma realidade distinta no trecho em que “o pai do meu garoto princesa diz a ele, como ele está bonito em um vestido. Seu pai segura a mão dele e diz para ele girar. Meu garoto princesa sorri e abraça o pai” (KILODAVIS, 2009, p. 6). É incontestável a relevância familiar para a sobrevivência física e psíquica de uma criança. A família também obtém uma atribuição significativa no desenvolvimento psicossocial dos filhos, no que tange a transmissão de informações relativas à sexualidade, assim como, na constituição quanto na identidade de gênero, uma vez que é no universo familiar que as primeiras experiências afetivas e sexuais acontecem (CAMPOS; TILIO; CREMA 2017).

A aceitação por parte da família da personagem é visível durante toda a narrativa, a autora reafirma tal aceitação quando explicita: “nosso garoto princesa é feliz porque o amamos por quem ele é” (KILODAVIS, 2009, p. 22). Botton, Cúnico, Barcionski e Strey (2015) destacam que é usualmente na família que muitos dos comportamentos estereotipados em relação ao gênero são reproduzidos. A autora, talvez pelo motivo que a levou a escrever a obra, reitera o acolhimento familiar em tom militante em trechos finais do livro: “e um garoto princesa pode usar rosa e eu direi a ele como ele é bonito [...] um garoto princesa pode brincar comigo usando lindas roupas de menina e eu ainda vou brincar com



ele” (KILODAVIS, 2009, p. 17-19). Nota-se na narrativa há um reflexo da contemporaneidade que intimida e instiga o rompimento com modelos arcaicos e rígidos ao gênero e a sexualidade a fim de ultrapassar barreiras de hierarquização, exclusão, violência sexual e de gênero.

Ademais, outro ponto a ser abarcado pela narrativa é a ótica social diante de um garoto que aprecia o uso de vestidos. A autora salienta os despiques sofridos por Dryson e sua família em atividades corriqueiras como, por exemplo, comprar roupas. As letras da autora explicitam que:

Quando vamos às compras, ele fica mais feliz ao olhar para as roupas femininas, mas quando ele diz que quer comprar uma bolsa rosa ou um vestido brilhante, as pessoas olham para ele. E quando ele compra coisas de garotas, elas riem dele, eles riem de mim. Machuca a nós dois (KILODAVIS, 2009, p. 9-10).

Na narrativa, o peso do olhar do outro delega a ponderação de que alguns pais que aceitam seus filhos e suas vivências de gênero passam a sofrer preconceito por parte da sociedade por não corroborar com a hegemonia vigente. Dessa forma, outros pais passam a não aceitar tal atitude em decorrência das críticas que estarão sujeitos.

Dyson vai contra o que se espera de um garoto convencional de quatro anos, ao entrar em uma loja e escolher roupas/acessórios femininos, o olhar social que o repreende é indagado por um preconceito enraizado nas mais profundas camadas da sociedade. Historicamente conseguimos notar que tudo que foge aos padrões da valorização da obediência e o respeito às normas de conduta impostas pela ética e pela moralé usualmente excluído ou marginalizado pela comunidade. Tal marginalização é explicitada na obra quando a autora afirma:

E então meu garoto princesa foi de princesa para o *halloween*. Ele foi pedir com o irmão. Uma mulher zombou dele, porque ele estava vestido de princesa. Meu garoto princesa perguntou: "Por que ela riu de mim?". Eu disse a ele que algumas pessoas o acham que meninos não devem usar vestidos (KILODAVIS, 2009, p. 13-14).

Todavia, a modificação da imagem/corpo masculino para o feminino (ou vice e versa) desajusta esse padrão de diretrizes fazendo com que a pessoa que está fora desse padrão seja tratada e vista como estranha, pois a própria sociedade habituou-se a olhar apenas para o sexo biológico, e conseqüentemente, criou comportamentos-padrões para a mulher e para o homem. Deste modo, esta concepção binária faz com que o gênero seja baseado apenas na construção imposta socialmente. Butler (2003) explica que a noção de gênero foi atrelada ao determinismo biológica presente no conceito de sexo, que se ocasiona na biologia como um destino, ou seja, o sujeito nasceria homem por ter um pênis ou mulher por ter uma vagina, e suas diferentes experiências e lugares na sociedade seriam determinados naturalmente de acordo com o sexo que o indivíduo nascera. Tal compreensão espelhada



na obra torna-se um dos motivos pelo qual a personagem principal é alvo de zombarias, já que o determinismo biológico acaba recaindo sobre objetos, brinquedos e roupas que são destinados aos meninos e outras às meninas.

Gostar de rosa faz com que Dyson sofra represálias, já que na hoje em dia, uma criança do sexo masculino gostar de brinquedos, roupas, danças, cores ou qualquer quer objeto que seja socialmente destinado para meninas faz com que sua identidade de gênero seja contestada.

Entende-se que nas sociedades conservadoras abordar questões de gênero é um tabu, e essa barreira cresce mais ainda quando se propõe a geração de pequenas inquietações desde a infância. É importante assim, validar a inserção de obras literárias que abordem tal temática, embora exista o pensamento sexista a respeito do que é “para homem e o que é para mulher”, desde os primórdios das civilizações.

Em *My Princess Boy*, a autora ainda apresenta outra discussão importante: o contexto escolar. O garoto princesa também usa vestidos no ambiente escolar e, ao que pode ser analisado, tem sua liberdade de expressão censurada pela escola. Tal ato é explicitado neste fragmento: “mas um menino princesa pode usar um vestido na escola e eu não vou rir dele” (KILODAVIS, 2009, p. 15). Desse modo, percebe-se que, mais uma vez, a construção da narrativa leva a posituação do comportamento da personagem.

Ao ambientar a escola como intermediária educacional é indispensável percebê-la como influenciada pelos mais copiosos valores sociais e religiosos que, por vezes e em sua grande maioria, propaga a masculinidade hegemônica que carrega o discurso segregador institucionalizado. Sabe-se que é a escola o lugar das diferenças e da pluralidade de pensamentos. Entende-se, portanto, que esta instituição é um espaço de todos, por isso, deve estar sempre aberta ao diálogo, incitando o pensamento crítico e a reflexão sobre a realidade social na qual está inserida. Como uma comunidade democrática deve agregar a todos os setores sociais as mais diversas discussões.

É preciso que se discutam todas as formas de preconceito para que todos que fazem parte do ambiente escolar sintam-se acolhidos em suas diferenças. Posto isso, abordar a obra de Kilodavis é reafirmar a existência de uma voz que também precisa ser ouvida dentro desse contexto educacional e ser usada como recurso mediador para tais discussões.

Por mais que possam dividir opiniões, calar-se diante desses temas é fazer com que o preconceito se consolide dentro dessa instituição. Evitar discutir uma temática como a identidade de gênero no ambiente escolar é institucionalizar o preconceito, além de perpetuar a invisibilidade, independentemente da percepção ou da existência de casos dentro das instituições. Acerca disso, Louro (1997) afirma:



Ao não falar a respeito deles e delas, talvez se pretenda eliminá-los, ou, pelo menos, se pretenda evitar que os alunos e as alunas 'normais' os/as conheçam e possam desejá-los/as. Aqui, o silenciamento – a ausência da fala – aparece como uma espécie de garantia da 'norma' (LOURO, 1997, p. 67).

A sociedade determina os estereótipos de gênero, e a criança é fruto desse meio. Cabe a escola também dispor de ambientes e profissionais que possibilitem a prática de valores de igualdade e respeito entre pessoas de gêneros diferentes, além de permitir que a criança conviva com todas as possibilidades relacionadas aos papéis do homem e da mulher.

Outro ponto a ser salientado, é a maneira como os amigos de Dyson convivem, de forma natural, com o fato de que o garoto princesa vai contra a masculinidade hegemônica presente na sociedade em que os mesmos estão inseridos. Este fato é ressaltado quando a autora afirma:

Uma vez, meu garoto princesa usou um vestido em sua festa de aniversário. Ele recebeu seus amigos em sua casa e disse: "Eu sou um garoto princesa!". Ele colocou jóia e gostou do quão bonito ele estava... E acenou com a sua varinha mágica (KILODAVIS, 2009, p. 12).

É importante pontuar que os pais têm um papel fundamental na reprodução ou não reprodução de tal masculinidade hegemônica em seus filhos ao tratarem com naturalidade o fato de um garoto gostar de roupas, objetos e afins destinados socialmente para meninas. Com a aceitação eles pautam desde cedo para seus filhos que a diversidade de gênero existe na sociedade. Em outro trecho, a autora reafirma o fato de o garoto princesa conviver de maneira natural com outras crianças:

Meu garoto princesa brinca com meninos e meninas. Ele gosta de escalar árvores usando sua coroa de princesa. Quando ele brinca de fantasia, ele gosta muito de trocar de roupa. Ele veste um collant de balé verde e dança com seus amigos (KILODAVIS, 2009, p. 7-8).

A criança reflete o que o adulto e a sociedade pensam de si e esse reflexo edificado gradualmente. Via relações sociais se transfiguram à realidade da criança que passa a partilhar da mesma visão de mundo. Ao trazer *My Princess Boy* como objetivo de estudo vista disso, estabelecem, historicamente, no âmbito social, uma diferenciação das ações, gestos, papéis, comportamentos, atribuições e privilégios de cada gênero.

Hodiernamente, a literatura infantil enquanto gênero literário é discursivo de uma trajetória histórica ligada ao contexto social, que se robusteceu e conquistou um espaço próprio e importante. Logo, passa a ser entendida como um espaço de simbolizações e significações que se situam em um posicionamento privilegiado de comunicação com a criança mediante a linguagem, as ilustrações e os formatos, transformando-se em um instrumento opulento de possibilidades de exploração no contexto escolar.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao debater a obra *My Princess Boy*, que possui uma linguagem simples, a mesma destaca a influência no desenvolvimento mental e social de uma criança, tendo em vista as interferências familiares frente às opressões vivenciadas fora do seio familiar. Ainda, fazendo uso de uma linguagem não verbal, afere a tentativa de aproximar as nuances de emoções que a personagem passa ao longo da história.

Buscou-se compreender como o garoto princesa se relaciona com o seu meio social e familiar, e em como os dois ambientes influenciam diretamente na construção no gênero da personagem. A vivência escolar, o suporte que o garoto princesa recebe de sua família, o olhar do outro para com a personagem faz com que tudo isso seja refletido na identidade de gênero de Dyson. Por consequência, trazer tal obra para a academia não é só legitimar essa escrita, mas mostrar como essa literatura é necessária e esteticamente potente para avançar nos estudos de gênero, dado que em *My Princess Boy* há uma abordagem pontual, e por vezes militante de como a vida de uma criança em plena construção de identidade de gênero pode ser afetada, tendo em vista o enfrentamento de preconceitos velados ou não.

Esse estudo apresentou como principal obstáculo o acesso a obra analisada seja por compra ou empréstimo em bibliotecas. Isso evidencia, como a grande parte dos autores relata a dificuldade em se abrir uma discussão com as crianças sobre essas temáticas devido à pressão de diferentes instituições sociais, como família e escola, aqui analisados.

Nota-se que o preconceito presente impede um diálogo amplo sobre construção de identidade e subjetividade. Outra dificuldade enfrentada foi a de encontrar material acadêmico acerca do assunto, assim mostrando que esse estudo teve como relevância acadêmica, colocar *My Princess Boy* para o centro das discussões de gênero e elucidando sua importância para avançar em tais estudos.

Nesta pesquisa, não será possível analisar toda a grandeza de tal obra, a análise aqui feita relata apenas uma pequena parte do que ainda pode ser estudado. Um olhar de empatia que tantos garotos princesas espalhados mundo a fora precisam, e que às vezes, os mesmos são tão maltratados no meio social e infelizmente também no seio familiar. Lançar esse olhar sobre esses sujeitos, sobre essas literaturas, é saber que esses seres vivem, e que de forma tímida, às vezes arrastada, ocupam seus lugares enquanto indivíduos sociais.

Por fim, ao trazer tais questões de gênero para o contexto da literatura, em especial a produzida para crianças, coloca-se em discussão temas que outrora eram vistos como promíscuos, perigosos, devassos ou mesmo imorais, com intuito de causar profundas dissensões. Assim, a relevância dessa



possibilidade faz com que as identidades de gênero sejam postas em debate desde cedo, por meio dos recursos literários.

REFERÊNCIAS

BOTTON, A.; CÚNICO, S. D.; BARCINSKI, M.; STREY, M. N. “Os Papéis Parentais nas Famílias: Analisando Aspectos Transgeracionais e de Gênero”. **Pensando Famílias**, vol. 19, n. 2, 2015.

BUTLER, J. **Problemas De Gênero: Feminismo E Subversão De Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMPOS, M. T. A.; TILIO, R.; CREMA, I. L. “Socialização, gênero e família: uma revisão integrativa da literatura científica”. **Pensando Famílias**, vol. 21, n. 1, 2017.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. “Hegemonic masculinity: rethinking the concept”. **Gender and Society**, vol. 19, n. 9, 2005.

KILODAVIS, C. **My Princess Boy**. Los Angeles: KD Talent, LLC, 2009.

LIMA, S. R. O. **Narrativas Coloridas: sexualidade e gênero em literaturas infantojuvenis estadunidenses** (Dissertação de Mestrado). Teresina: UFPI, 2017.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. “Gênero e Sexualidade: Pedagogias Contemporâneas”. **Pro-Posições**, vol. 19, n. 2, 2008.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano IV | Volume 10 | Nº 29 | Boa Vista | 2022

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima